

DESMISTIFICANDO A DANÇA

Adriana Vilchez Magrini Liza

DEMYSTIFYING THE DANCE (eng)

Desmistificando a dança: a dança é o verdadeiro passatempo dos mortais, ela faz esquecer o essencial, arriscada preparação para a eternidade, incompatível com a vocação cristã recreação duplamente tenebrosa (não é ela frequentemente noturna e pecaminosa?), a dança tem efeitos análogos, dos cogumelos e das abóboras-meninas: “as melhores não valem nada. A fórmula deve ser tomada ao pé da letra: a dança faz esquecer o essencial, a arriscada preparação aqui neste mundo, das alegrias inefáveis da eternidade. Incompatível com esta vocação cristã, visto que “ela inicia a volúpia” e aproxima esses “dois vasos frágeis” que são o homem e a mulher ela é condenada com uma suprema veemência.

A palavra “Dança”, causa até hoje para algumas pessoas, um certo desconforto, quando somos convidados a manifestarmos algum movimento, gesto ou então alguma emoção com nosso corpo. Se procurarmos a definição da palavra dança como substantivo no dicionário, iremos encontrar que é uma “sucessão de passos e movimentos, comumente guiados por acompanhamento musical”. Já o verbo dançar, que provém do francês quer dizer “mova o corpo ou os pés ritmicamente ao som da música”. Do latim o verbo dançar se refere a saltar; palavras de “dança” frequentemente são derivadas de palavras que significam “pular”. O significado de “pular ou saltar com passos regulares ou irregulares como expressão de alguma emoção” é do final do século XIV. Das coisas inanimadas, “mova-se agilmente ou rapidamente com movimentos irregulares” e no sentido transitivo de “dar um movimento de dança para” vem do ano de 1500, segundo o *Etymologi Dictionari*. A palavra desmistificar pelo mesmo dicionário, quer dizer “dissipar a perplexidade, remover a irracionalidade”. Partindo da relação das definições das palavras e pensando no corpo como uma forma de linguagem, podemos destituir o caráter místico da palavra dança. Podemos então compreender que pelo/com o corpo nos comunicamos e manifestamos as emoções como uma linguagem única e interdisciplinar?

Segundo Pellegrin (2010), num mundo impregnado de religiosidade cristã, o corpo não é, para (quase) todos, se não o habitat temporário, de uma alma imortal. Jamais falado ou citado em listas em livros e registros paroquiais. A alma sim, anima e que cabe a Deus. As fontes de nossos antepassados sobre nossos saberes a respeito do corpo, também revelam a subordinação a uma crença, o domar de um corpo. Também como foi bem demonstrado pela doença ou pela música, todos os movimentos do corpo são perigosos, advertências divinas e meios de santificação. O corpo não era visto como uma linguagem ou forma de expressão, mas eram vistos como códigos a serem revelados, pois se justapunham com a interioridade religiosa e expressão corporal. “O corpo se diz também de um cadáver cuja a alma se separou”. O corpo portanto é tudo que tem consistência material ou intelectual: coisas condensadas como uma construção, ou uma coletânea de textos, fundamento de um sujeito de um objeto. Com estas ideias, podemos entender que o nosso corpo era algo inexpressivo, um objeto que nos carrega de um lado para o outro, a casa da nossa alma. Como mover os pés ou o corpo ritmicamente sem manifestar emoção? Como dançar sem ser julgado? O corpo seria separado da mente? Como deseducar os corpos? Será que o mistério do desconforto ao sermos convidados para dançar, encontra-se até hoje registrado em



nossas entranhas das lembranças de nossos antepassados? Todos os movimentos do corpo, são perigos e promessas, advertências divinas e meios de santificação. O corpo não era visto como uma linguagem a ser lida ou uma forma de expressão, mas era visto como códigos a serem decifrados, pois se justapunham com a interioridade religiosa e a expressividade corporal. Desde o começo, Aristóteles e os “filósofos modernos” eram convocados a apoiar a definição de que nossos corpos eram “substância sólida e palpável”. Os feiticeiros se entregam ao diabo de corpo e alma. O Evangelho diz, que quem cuida de mais de seu corpo perde sua alma. “Um corpo sem alma é como um exército sem chefe”. (PELLEGRIN, 2010, p.136) Sendo nossos corpos vistos como apenas um suporte da alma que era impuro ao sentir, ao se mover, ao dançar, notamos até hoje que carregamos essa sensação de desconforto e de até um certo pré-conceito ao colocarmos nossos corpos em evidência como uma expressão de linguagem.

A dança é o verdadeiro passatempo dos mortais, ela faz esquecer o essencial, arriscada preparação para a eternidade, incompatível com a vocação cristã recreação duplamente tenebrosa (não é ela frequentemente noturna e pecaminosa?), a dança tem efeitos análogos, dos cogumelos e das abóboras-meninas: “as melhores não valem nada. A fórmula deve ser tomada ao pé da letra: a dança faz esquecer o essencial, a arriscada preparação aqui neste mundo, das alegrias inefáveis da eternidade. Incompatível com esta vocação cristã, visto que “ela inicia a volúpia” e aproxima esses “dois vasos frágeis” que são o homem e a mulher ela é condenada com uma suprema veemência. É uma “invenção própria de Satã” A dança é o primeiro dos “exercícios do corpo, [...] seus primeiros elementos aprumam o corpo ou o tornam ágil” (PELLEGRIN 2010, p.168). Exercício corporal e divertimento ritualizado, a dança é de essência geométrica (espaço a percorrer, figuras e gestos a cumprir, posturas a executar) e ela tem por isso a seriedade de um prazer quase sagrado, mesmo quando é praticada e amada.

É doce um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode. Ser transformado e aperfeiçoado. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina distribui os indivíduos no espaço, utilizando diversas técnicas, como por exemplo o modelo do convento para o internato que apareceu como regime de educação, logo após a partida dos jesuítas. A disciplina organiza um espaço analítico. Na disciplina os elementos são intercambiáveis...cada um se define pelo lugar que ocupa na fila. O controle do horário, mantém um ritmo coletivo e obrigatório imposto do exterior, como um programa. Dessa forma, o corpo e o gesto são postos em correlação: o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos (FOUCALT, fatou o ano). Chama a atenção, quando passamos pelo corredor de uma escola e notamos quando estudantes estão se manifestando corporalmente? Será que esqueceram da essência do aprendizado? Os corpos em movimento e não enfileirados provocam olhares para o estranhamento? O movimento causa um descontrole, um desconforto? Será que conseguimos remover a irracionalidade da palavra dança e do verbo dançar das marcas das crenças de nossos antepassados?

Os movimentos se originam de uma excitação interna dos nervos, provocada por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória. Foi na dança, ou no pensamento por movimentos que o homem a princípio se apercebeu da existência de uma certa ordem em suas aspirações superiores por uma vida espiritual. Inconscientemente, aprendeu quais eram os fatores contraditórios e de equilíbrio de suas ações, mas não sabia como usá-los, nem tão pouco controlá-los. “Na verdade, a dança pode ser considerada como a poesia das ações corporais no espaço” (LABAN, 1879-1958, p.52).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Courtine, Jean-Jacques et alli. **História do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir. Editora Vozes,

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Ana Maria B. de Vecchi e Maria Silvia M. Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

ELETRÔNICOS:

<https://www.etymonline.com/>

OUTRAS REFERÊNCIAS

FERNANDES, Ciane. **O Corpo em Movimento**: O Sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2006.

LABAN, Rudolf. **A vision of dynamic space**. Londres: Laban Archives & The Falmer Press, 1984.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone Editora, 1990.